

Vogais médias pretônicas: variação inter e intraindividual em Belo Horizonte

(Mid vowels in pre-stressed-syllable: interindividual and intraindividual variation in the dialect of Belo Horizonte)

Marlúcia Maria Alves¹

¹Instituto de Letras e Linguística – Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL – UFU)

marlucia.alves@gmail.com

Abstract: The variation of mid-height vowels in pre-stressed-syllable position in nouns spoken in the dialect of Belo Horizonte is analysed, taking into consideration linguistic factors and phonological processes, such as vowel harmony and vowel reduction, which interfere in this type of production. In pre-stressed position, the mid-high vowel occurs in most cases, whereas the mid-high and high vowel occur in more specific cases. Three distinct corpora were considered (MAGALHÃES, 2000; ALVES, 1999; spontaneous speech). The results obtained reveal that formality at the moment of recording the data is fundamental for the occurrence of intraindividual variation. As shown in the data extracted from spontaneous speech, variation is interindividual, since each speaker opts for a manifestation of the mid-high vowel in a distinct way from others. This variation is studied under the view of Optimality Theory.

Keywords: linguistic variation; Optimality Theory; mid vowels.

Resumo: A variação das vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte é analisada considerando os fatores linguísticos e os processos fonológicos, como harmonia vocálica e redução vocálica, que interferem nesta produção. Em posição pretônica, é possível a ocorrência da vogal média alta para a maioria dos casos, da vogal média baixa e da vogal alta para os casos mais específicos. Foram considerados três *corpora* distintos (MAGALHÃES, 2000; ALVES, 1999; fala espontânea). Os resultados obtidos revelam que a formalidade no ato da gravação dos dados é fundamental para que ocorra a variação intraindividual. Conforme os dados extraídos da situação de fala espontânea, a variação se mostra interindividual, já que cada falante opta pela realização da vogal média de modo diferenciado. Esses casos são estudados conforme a Teoria da Otimalidade.

Palavras-chave: variação linguística; teoria da otimalidade; vogais médias.

Introdução

A produção das vogais médias pretônicas no dialeto de Belo Horizonte apresenta-se de forma bastante complexa, pois podem ser observadas três pronúncias distintas nessa posição: a) a vogal média alta como ‘c[o]reto’, a vogal média baixa, como em ‘pr[ɔ]jeto’ e c) a vogal alta, ‘m[u]tivo’. Além disso, verifica-se a possibilidade de variação em dois contextos bem definidos, a saber, entre a vogal média alta e a vogal média baixa, como em ‘pr[o]cesso’ e ‘pr[ɔ]cesso’ e a variação entre vogal média alta e a vogal alta, ‘m[e]dida’ e ‘m[i]dida’.

Para averiguar essa complexidade da realização da vogal média em posição pretônica, três *corpora* distintos foram observados, POBH (Projeto Português de Belo Horizonte/norma culta: MAGALHÃES, 2000); Alves (1999), composto por dados obtidos por meio de leitura de frases; e dados de fala espontânea. Este procedimento se fez necessário

porque foi percebido que quanto maior a formalidade na gravação dos dados, maior a variação apresentada.

Os dados obtidos foram analisados conforme a teoria da otimalidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; McCARTHY; PRINCE, 1993), modelo de análise gramatical cujos principais objetivos são estabelecer as propriedades universais da linguagem e caracterizar os limites possíveis da variação linguística. Especificamente, considerou-se a alternativa de análise via o ranqueamento parcial de restrições, uma vez que os falantes desse dialeto optam por gramáticas distintas para a produção das vogais médias pretônicas.

A próxima seção apresentará a metodologia adotada. Na seção três, serão apresentados os resultados. A quarta seção abordará a teoria da otimalidade e a análise dos resultados obtidos.

Metodologia

Os *corpora* analisados sobre o dialeto de Belo Horizonte serviram para, primeiramente, observar um grande número de palavras que contêm a vogal média em posição pretônica. Segundo, era necessário verificar se o modo de gravação e a formalidade encontrada no momento da gravação dos dados interfeririam na variação apresentada. Por último, era importante selecionar vários informantes para se ter uma amostra abrangente da mesma comunidade de fala.

Os *corpora* analisados foram: a) *corpus* POBH (Projeto Português de Belo Horizonte/norma culta), coordenado pelo pesquisador Prof. Dr. José Olímpio de Magalhães (UFMG, 2000), que apresenta dados sobre o falar culto da região de Belo Horizonte, e que contém a maior parcela de dados consultados sobre esse dialeto, b) *corpus* Alves (1999), que estuda o comportamento das vogais médias em posição tônica nos nomes, também relacionado ao dialeto de Belo Horizonte, e que mostra muitos dados em que é possível verificar o comportamento da vogal média em posição pretônica e a sua relação com a posição tônica; e c) *corpus* fala espontânea, que apresenta uma situação opositiva em relação aos *corpora* anteriores, já que não mostra uma formalidade excessiva no ato de gravação dos dados, uma vez que os informantes não sabiam que estavam sendo gravados.

Do *corpus* POBH (MAGALHÃES, 2000) foram analisadas as realizações das vogais médias pretônicas de oito informantes, quatro homens e quatro mulheres, com formação universitária, na faixa etária de 25 a 35 anos. Essa faixa etária foi selecionada porque estava em conformidade com a faixa etária relacionada aos demais *corpora* analisados e serviu para controlar melhor as informações geradas a partir de um grupo de falantes pertencentes à mesma comunidade de fala. O formato de entrevista foi o diálogo entre documentador e informante. Nessa modalidade espera-se um grau de formalidade maior, devido ao ambiente em que são gravadas as informações, ou seja, em cabine acústica e com a presença de microfone, do gravador e do próprio entrevistador. Entretanto, é possível, conforme o decorrer da entrevista, encontrar um grau de formalidade menor, pois o falante pode descontraí-lo e pronunciar as palavras de modo mais “espontâneo”. Foram ouvidas, no total, oito horas de gravação, sendo uma hora de gravação para cada informante. Foram selecionadas 4951 ocorrências de vogais médias em posição pretônica.

O *corpus* de Alves (1999) contou com casos em que ocorrem as vogais médias tanto em posição pretônica como em posição tônica. Assim, é possível verificar qual a influência da vogal tônica sobre a pretônica e analisar melhor os casos relacionados ao processo fonológico da harmonia vocálica existente no português brasileiro. Foram gravados 21 informantes, 15 mulheres e 6 homens, com idade entre 20 e 38 anos. Todos possuíam formação universitária, constituindo, assim, uma mesma comunidade de fala. Os dados foram obtidos através de uma leitura de frases também em cabine acústica do Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Também foi utilizado um gravador digital (DAT) normal e portátil. Constata-se, ainda, o grau de formalidade muito elevado, principalmente porque em Alves (1999) a gravação foi feita mediante uma leitura de frases, que provoca uma maior atenção do informante com relação à leitura feita. Foram analisadas 1407 ocorrências.

Sobre os dados extraídos da observação de fala espontânea, foram selecionados dois informantes, um homem e uma mulher, com formação universitária, nascidos e criados em Belo Horizonte, na faixa etária de 33 a 36 anos, sem nunca terem se afastado da cidade por mais de ano. É importante destacar que esses informantes possuem o perfil semelhante ao dos dois primeiros *corpora*. O número baixo de informantes selecionados para este *corpus*, apenas dois, é devido ao fato de esses dados servirem como contraponto aos resultados obtidos pelos *corpora* POBH e Alves (1999). A gravação foi feita utilizando-se gravador portátil e tendo o cuidado para evitar que os informantes percebessem que estavam sendo gravados. Ao final da gravação os informantes foram avisados sobre esse procedimento e autorizaram a análise dos resultados. Foi feita cerca de uma hora de gravação. Na ocasião, os informantes estavam em uma sala dialogando sobre os temas relacionados a estudo, religião e política. Foram selecionadas as palavras que continham vogal média em posição pretônica nos nomes e nos adjetivos, assim como apresentado nos *corpora* anteriores. Foram selecionadas 514 ocorrências de vogais médias em posição pretônica, separadas em dois grandes grupos, o das vogais médias anteriores e o das vogais médias posteriores.

Dialeto de Belo Horizonte: resultados

A partir das informações obtidas pelos *corpora* estudados, foi possível fazer uma descrição mais detalhada sobre a realização da vogal média em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte. Além dessa descrição, pode-se também observar a variação encontrada nesse dialeto e se esse fenômeno pode ser considerado interindividual, ou seja, a variação entre os itens lexicais se mostra diferente de falante para falante, ou se a variação pode ser afirmada como sendo intraindividual, já que o mesmo falante pode apresentar pronúncias diferentes para o mesmo item lexical.

Segundo os dados obtidos por meio dos três *corpora* investigados, e observando-se os fatores linguísticos favorecedores da vogal média em posição pretônica, constatou-se que o abaixamento é favorecido pela vogal média baixa ou a vogal baixa em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte. Favorece a elevação a posição inicial de palavra associada ao travamento silábico por /S/ e à formação de sílaba nasalizada, de modo categórico. A vogal alta em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte favorece a elevação de modo variável. Favorecem também a elevação a consoante nasal labial precedente, para as vogais anteriores, e a consoante labial precedente e a consoante velar precedente, para as vogais posteriores.

Com relação ao grupo das vogais médias anteriores, foram verificadas três possibilidades de realização para a vogal média em posição pretônica no dialeto de Belo Horizonte: a) com o timbre fechado [e], como em ‘v[e]g[e]tal’, b) com o timbre aberto [ɛ], como em ‘[ɛ]xcesso’, e c) como vogal alta [i], como em ‘[i]scola’.

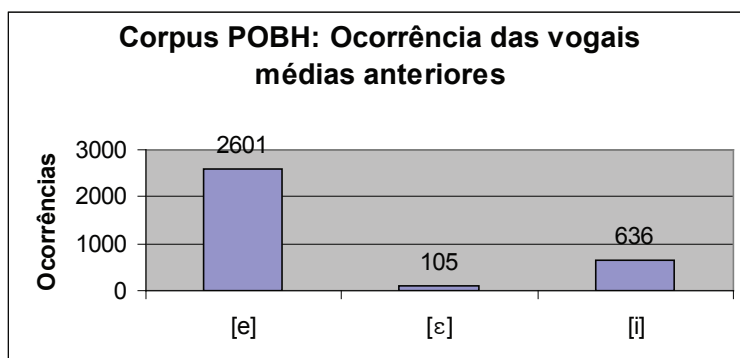


Gráfico 1. Ocorrência das vogais médias anteriores no dialeto de Belo Horizonte, conforme corpus POBH

A maioria das palavras, isto é, 77,8% do total, foi realizada com o timbre fechado da vogal média. Isso ocorre devido à tendência de os falantes do dialeto de Belo Horizonte optarem pela vogal média alta em posição pretônica. Contudo, uma parcela significativa, 19,0% das palavras, foi realizada com a presença da vogal alta no lugar da vogal média nessa posição. Outro grupo menor ainda apresentou a vogal média baixa em posição pretônica, 3,2% dos casos. Isso quer dizer que os casos em que a vogal alta e a vogal média baixa ocorrem são mais específicos e marcados no dialeto de Belo Horizonte.

As vogais médias posteriores pretônicas também apresentam três realizações fonéticas diferentes em posição pretônica: a) com o timbre fechado, ‘c[o]brança’; b) com o timbre aberto, ‘pr[ɔ]cesso’ e c) como vogal alta, ‘p[u]lítica’.

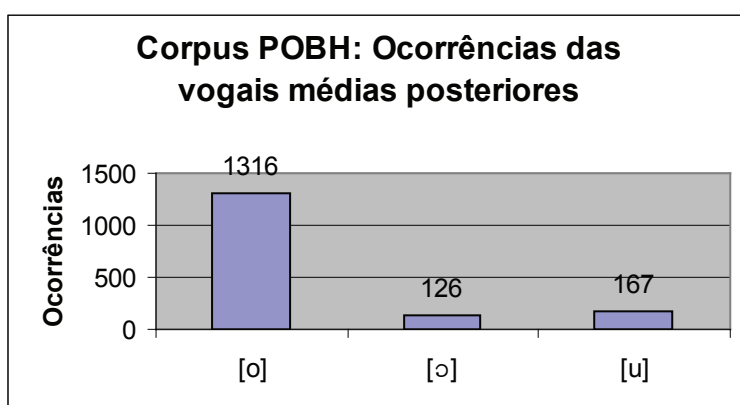


Gráfico 2. Ocorrência das vogais médias posteriores no dialeto de Belo Horizonte, conforme corpus POBH

Observa-se, no gráfico acima, que a ocorrência da vogal média alta posterior em posição pretônica constitui um grupo bem maior de palavras, 81,8%, do que o grupo da vogal média baixa, 7,8%, e o grupo da vogal alta posterior, 10,4%. Comparando-se esse gráfico ao da ocorrência das vogais anteriores, verifica-se que a vogal alta posterior não ocorre em muitos casos como a vogal alta anterior. A princípio, é possível afirmar que

essa diferença deve-se ao fato de haver contextos linguísticos categóricos para a ocorrência da vogal alta anterior, como a vogal média iniciando sílaba seguida de /S/, ‘[i]scola’, ou nasalizada, ‘[i]ngano’, que são inexistentes para a vogal alta posterior.

A variação das vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte ocorre sob dois formatos: a) variação entre a vogal média alta e a vogal alta e b) variação entre a vogal média alta e a vogal média baixa. Além disso, os fatores linguísticos que motivam essa variação são diferenciados entre as vogais anteriores e posteriores, sobretudo no diz respeito à variação entre a vogal média alta e a vogal alta.

Outro aspecto importante a se considerar é que houve variação no *corpus* POBH por todos os informantes selecionados. Isso quer dizer que a variação é um fenômeno complexo e que o falante, dependendo da situação apresentada e do contexto linguístico inserido, varia a pronúncia do item lexical. Essa variação pode ser observada conforme a influência de fatores linguísticos específicos e mesmo com relação à formalidade exigida no ato da gravação dos dados.

Também é importante que se verifique a variação sob dois aspectos: a variação interindividual e a variação intraindividual para se determinar se a variação é produzida por indivíduos diferentes ou se o mesmo indivíduo mostra variação em sua fala.

O *corpus* POBH apresentou variação feita pelos oito informantes selecionados. E essa variação mostrou algumas diferenças com relação à escolha de seu formato, ou seja, a variação entre a vogal média alta e a vogal média baixa e a variação entre a vogal média alta e a vogal alta. Também é possível associar a variação à própria estrutura da palavra variada.

Assim, alguns informantes apresentaram os dois formatos de variação enquanto que outros apresentaram um único formato. Sobre a palavra em variação, observa-se que alguns informantes optaram por variar um grupo de palavras mostrando o mesmo contexto linguístico, já outros apresentaram variação em uma palavra específica. O Quadro 1 abaixo lista a variação apresentada pelos falantes segundo o *corpus* POBH.

Quadro 1. Variação apresentada pelos falantes – *Corpus* POBH

	Variação entre a vogal média alta e a média baixa anteriores	Variação entre a vogal média alta e a média baixa posteriores	Variação entre a vogal média alta e a vogal alta anteriores	Variação entre a vogal média alta e a vogal alta posteriores
Informante 1	sim	sim	não	não
Informante 2	sim	sim	não	não
Informante 3	sim	sim	sim	sim
Informante 4	sim	sim	sim	não
Informante 5	sim	sim	não	sim
Informante 6	sim	sim	não	não
Informante 7	sim	sim	não	sim
Informante 8	sim	sim	sim	não

O fato interessante apresentado nesse quadro é que a variação entre a vogal média alta e a vogal média baixa foi realizada por todos os informantes. Entretanto o mesmo fato não ocorreu com a variação entre a vogal média alta e a vogal alta. Por que essa diferença com relação ao tipo de variação apresentado? O que se pode, a princípio, afirmar é que no dialeto de Belo Horizonte há uma tendência pela elevação da vogal média em posição pretônica de modo regular. O que não acontece com a realização da vogal média baixa em posição pretônica, já que a sua produção é condicionada por fatores linguísticos bem específicos, como a presença da vogal média baixa ou da vogal baixa em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte.

Outro aspecto importante a se considerar é que cada falante possui uma forma de variar as vogais em posição pretônica. Esse fato mostra a especificidade própria da produção de cada falante. A título de exemplificação, pode-se observar a variação apresentada pelos informantes EQR e RSC.

Especificamente sobre o fenômeno da variação, o informante EQR apresentou apenas a variação entre a vogal média alta e a vogal média baixa. Foram apenas duas palavras relacionadas à variação das vogais médias anteriores, e uma palavra relacionada à variação das vogais médias posteriores, como pode ser visto no Quadro 2.

Quadro 2. Variação das vogais médias anteriores e posteriores: Informante EQR

Variação das vogais médias anteriores					
[e]	Ocorrências	[ɛ]	Ocorrências	[i]	Ocorrências
m[e]rcado	3	m[ɛ]rcado	1		
r[e]lação	4	r[ɛ]lação	2		
Variação das vogais médias posteriores					
[o]	Ocorrências	[ɔ]	Ocorrências	[u]	Ocorrências
[o]rário	1	[ɔ]rário	1		

Observa-se que o fator linguístico favorecedor da ocorrência da vogal média baixa em posição pretônica é o mesmo nos três casos apresentados: a presença da vogal baixa em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte. Isso quer dizer que esse informante, ao detectar esse contexto linguístico, pode realizar a vogal média pretônica com o timbre fechado ou pode realizar o timbre aberto, favorecendo o processo de harmonia vocálica pelo traço [-ATR].¹

Em contrapartida, pode-se afirmar que o informante EQR estabelece bem o contexto para realizar a elevação da vogal média, uma vez que não ocorreu a variação entre a vogal média alta e a vogal alta.

Já o informante RSC apresentou os dois formatos de variação, como pode ser visto no Quadro 3.

¹ O traço [ATR], do inglês “Advanced Tongue Root”, significa *avanço da raiz da língua*.

Quadro 3. Variação das vogais médias anteriores e posteriores: Informante RSC

Variação das vogais médias anteriores					
[e]	Ocorrências	[ɛ]	Ocorrências	[i]	Ocorrências
lit[e]ratura	2	lit[ɛ]ratura	2		
r[e]lação	1	r[ɛ]lação	1		
s[e]vera	1	s[ɛ]vera	2		
v[e]rdade	4	v[ɛ]rdade	4		
Variação das vogais médias posteriores					
[o]	Ocorrências	[ɔ]	Ocorrências	[u]	Ocorrências
[o]rário	1	[ɔ]rário	1		
m[o]tivo	1			m[u]tivo	3
m[o]tivos	1			m[u]tivos	1

É possível observar, quanto à realização das vogais anteriores, que ocorre apenas a variação entre a vogal média alta e a vogal média baixa. Para a realização da vogal média baixa em posição pretônica é necessária a presença da vogal baixa em posição tônica, como em ‘v[ɛ]rdade’; a presença da vogal baixa na sílaba imediatamente seguinte, como em ‘lit[ɛ]ratura’ e ‘r[ɛ]lação’; e a presença da vogal média baixa em posição tônica, como em ‘s[ɛ]vera’. Em todos os casos ocorre o processo de harmonia vocálica pelo traço [-ATR].

No que concerne à realização das vogais posteriores, observa-se a variação entre a vogal média alta e a média baixa. A palavra ‘horário’ pode ser realizada com a vogal média alta, como em ‘[o]rário’, ou com a vogal média baixa, como ‘[ɔ]rário’. Além desse tipo de variação, é possível encontrar a variação entre a vogal média alta e a vogal alta. A realização da vogal alta nas palavras ‘m[u]tivo’ e ‘m[u]tivos’ ocorre em função da presença da vogal alta em posição tônica. Nesses casos, também acontece o processo de harmonia vocálica, motivado pelo traço [alto], característico da vogal alta no português brasileiro.

Também é importante considerar que a variação intraindividual apresentada se deve à formalidade encontrada no momento da gravação dos dados. Palavras como ‘pequeno’ e ‘pequenas’, por exemplo, que são sempre realizadas com a vogal alta, também foram produzidas com a vogal média alta, reforçando que o falante estava atento à sua pronúncia.

Com relação aos dados extraídos de Alves (1999), esses confirmaram que os falantes do dialeto de Belo Horizonte realizam, em sua maioria, a vogal média alta em posição pretônica. Entretanto, essa realização foi comprometida pela própria situação de formalidade conforme a gravação feita. Isto é, como a gravação ocorreu em cabine acústica apropriada, com a presença do pesquisador e com toda a aparelhagem necessária, como gravador e microfone, os informantes não apenas prestaram mais atenção em sua pronúncia, como hesitaram em realizar as vogais médias em posição pretônica e em posição tônica também, como em ‘[e]sp[o]sos’, ‘[ɛ]sp[ɔ]sos’ e ‘[i]sp[o]sos’.

Já o *corpus* sobre as vogais médias em posição pretônica extraído da situação de fala espontânea mostrou os dados relativos a dois informantes. Os objetivos eram

averiguar a produção dessas vogais, a variação motivada pelos contextos linguísticos já mencionados com relação aos *corpora* POBH e Alves (1999), e verificar se esse fenômeno também é condicionado pela formalidade empregada no ato da gravação dos dados. A hipótese é que, como não existe um ambiente muito formal de gravação, se a variação ocorrer, esta será em função do contexto linguístico propício à realização da vogal média baixa e da vogal alta, pronúncias motivadas por contextos específicos.

O *corpus* relativo à observação da fala espontânea é constituído por 514 ocorrências de vogais médias pretônicas nos nomes no dialeto de Belo Horizonte. Deste total, a maior parte das ocorrências é de vogais médias altas anteriores e posteriores. O Gráfico 3 abaixo mostra as ocorrências obtidas para as vogais pretônicas.

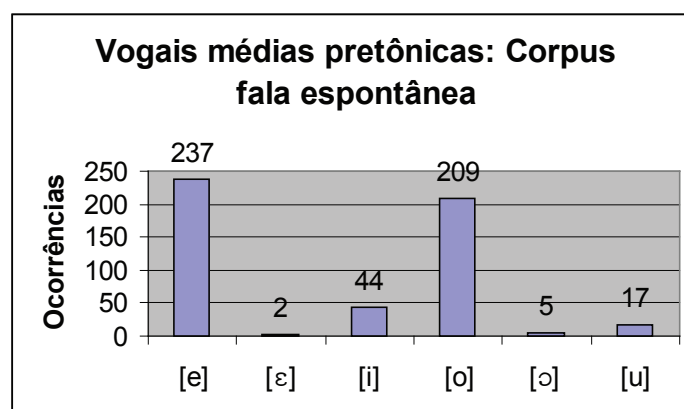


Gráfico 3. Produção das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores, conforme *corpus* fala espontânea

No gráfico acima, observa-se que a realização das vogais médias anteriores e posteriores nessa posição é bastante grande. Foram 237 ocorrências da vogal média alta anterior e 209 ocorrências da vogal média alta posterior. De modo geral, essa distribuição é a mesma apresentada para os dados obtidos com relação ao *corpus* POBH. Isso significa que os falantes do dialeto de Belo Horizonte tendem pela realização do timbre fechado da vogal média nessa posição.

Sobre a realização da vogal alta em posição pretônica, foram 44 ocorrências com a vogal anterior e 17 com a vogal posterior. Quanto ao grupo das vogais médias baixas, observa-se que esse grupo é bastante pequeno, com apenas 2 ocorrências da vogal média baixa anterior e 5 da vogal média baixa posterior.

Sobre os casos relacionados à variação das vogais médias pretônicas, não ocorreu variação intraindividual, ou seja, o mesmo informante não apresentou variação com relação aos itens lexicais obtidos por meio desse *corpus*.

Assim, o mesmo falante, em situação de fala espontânea, não varia a pronúncia das palavras. Pode-se afirmar, então, que o falante opta por realizar a vogal média baixa e a vogal alta de maneira diferenciada em posição pretônica. Os contextos favorecedores, na verdade, apenas mostram em que ambiente linguístico o falante pode realizar a vogal alta ou a vogal média baixa nessa posição. Isso quer dizer que os falantes não seguem exatamente a mesma forma de pronunciar as palavras que contêm a vogal média em posição pretônica, mesmo pertencendo à mesma comunidade de fala.

Especificamente sobre o *corpus* relacionado à fala espontânea e sobre a variação interindividual, o que se observa é que apenas duas palavras apresentaram variação entre a vogal média alta e a vogal média baixa. Não houve a ocorrência da variação entre a vogal média alta e a vogal alta. As palavras em variação são apresentadas no Quadro 4 abaixo.

Quadro 4. Variação entre a vogal média alta e a vogal média baixa, segundo *corpus* fala espontânea

Variação das vogais médias posteriores			
[o]	Ocorrências	[ɔ]	Ocorrências
[o]rário	1	[ɔ]rário	1
n[o]rma	1	n[ɔ]rma	1

No quadro acima, a variação apresentada é entre os falantes, uma vez que o informante AAAJ realizou as palavras ‘horário’ e ‘normal’ com a vogal média alta, enquanto que o informante MMA as produziu com a vogal média baixa. O Quadro 5 abaixo mostra, de modo separado, as palavras que foram realizadas com a vogal média baixa posterior pelos informantes observados.

Quadro 5. Variação entre a vogal média alta e a vogal média baixa, segundo *corpus* fala espontânea

Informante AAAJ	
pr[ɔ]c[ɛ]sso	01
Informante MMA	
[ɔ]rário	01
n[ɔ]rma	01
pr[ɔ]c[ɛ]sso	01
pr[ɔ]postas	01

O quadro acima mostra que as palavras ‘horário’ e ‘normal’ foram produzidas com a vogal média baixa posterior apenas pelo informante MMA.

Além disso, diferentemente dos *corpora* POBH e Alves (1999), a variação encontrada no *corpus* relacionado à fala espontânea é mínima, reforçando que a formalidade no ato da gravação é também um fator importante para que a variação ocorra. No caso da fala espontânea, como os informantes não sabiam que estavam sendo gravados, apenas duas palavras apresentaram variação.

Observa-se ainda que o contexto que motivou a presença da vogal média baixa em posição pretônica é o mesmo, ou seja, a presença da vogal baixa em posição tônica. Outro fato interessante é que apenas a vogal média baixa posterior apresentou variação.

Verifica-se, portanto, que, conforme os dados obtidos através da observação da fala espontânea, os falantes optam diferentemente pela pronúncia da vogal média baixa

posterior em posição pretônica. Isso quer dizer que cada falante seleciona uma pronúncia particular da vogal média pretônica conforme os fatores favorecedores, principalmente da realização da vogal média baixa e da vogal alta. Também pode-se relacionar a variação mais ao processo de harmonia vocálica do que ao processo de redução vocálica. No *corpus* referente à fala espontânea, os casos em variação estão relacionados à harmonia estabelecida pelo traço [-ATR].

A análise das vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte revela que os informantes produzem variação em um número pequeno de casos. A princípio, a hipótese inicial desta pesquisa previa que a variação ocorreria em número maior de palavras. Contudo, o que se observou através dos *corpora* POBH, Alves (1999) e do *corpus* relacionado aos dados da fala espontânea é que o fenômeno da variação atinge um grupo muito pequeno de casos e que se mostra interindividual se são considerados os fatores linguísticos favorecedores e os processos fonológicos envolvidos em posição pretônica.

Além disso, a variação apresentada se mostra diferenciada em cada *corpus* investigado. O Quadro 6 abaixo mostra um resumo comparativo das principais informações obtidas através dos *corpora* estudados.

Quadro 6. Quadro comparativo dos *corpora* investigados

		<i>Corpus</i> POBH	<i>Corpus</i> (ALVES, 1999)	<i>Corpus</i> fala espontânea
		8	21	2
a)	Informantes	4 homens 4 mulheres	6 homens 15 mulheres	1 homem 1 mulher
b)	Faixa etária	25-35	20-38	33-36
c)	Escolaridade	Superior	Superior	Superior
d)	Natural de	Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte
e)	Formato de gravação	Entrevista (gravação feita no Laboratório de Fonética da FALE/UFMG)	Leitura de frases (gravação feita no Laboratório de Fonética da FALE/UFMG)	Diálogo (os informantes não sabiam que estavam sendo gravados)
f)	Ocorrências analisadas	4.951 ocorrências	1.407 ocorrências	514 ocorrências
g)	Variação intraindividual	Sim	Sim	Não
h)	Variação interindividual	Sim	Sim	Sim
i)	Variação entre a vogal média alta e a vogal média baixa	Sim	Sim	Sim
j)	Variação entre a vogal média alta e a vogal alta	Sim (5 informantes)	Sim	Não

As quatro primeiras informações contidas no quadro acima mostram os fatores extralinguísticos considerados apenas para efeito de seleção da amostra a ser investigada no dialeto de Belo Horizonte. O perfil semelhante dos informantes selecionados, em nossa análise, deve-se ao fato de se buscar um padrão com relação aos dados analisados. Isso quer dizer que a variabilidade das vogais médias em posição pretônica precisa ser controlada em termos dos fatores extralinguísticos para que esses fatores não sejam os principais a motivarem a variação estudada.

Entretanto, um fator extralinguístico foi tomado como referência devido às diferenças com relação ao formato de gravação apresentado. No *corpus* POBH, o formato de gravação foi uma entrevista entre o documentador e o entrevistado. No *corpus* Alves (1999), o formato apresentado é uma leitura de frases, e, no *corpus* dos dados relativos à fala espontânea, foi gravado um diálogo entre os informantes. A principal diferença verificada é que, nos dois primeiros *corpora*, o informante sabia que estava sendo gravado, já que estava em um laboratório próprio para a gravação com todos os equipamentos necessários e também com a presença do pesquisador. No *corpus* de fala espontânea, o informante não sabia que estava sendo gravado.

Esse fato é bastante interessante porque o que se verifica é que quanto mais formalidade no ambiente de gravação maior é a preocupação do informante em produzir as palavras. O informante em uma situação formal de fala está atento e, por algumas vezes, hesita em pronunciar as palavras, com receio de produzir uma pronúncia considerada “incorreta”.

A variabilidade dos sons em uma língua específica é muito grande e vários aspectos precisam ser considerados. No caso específico da variação das vogais médias, verifica-se que esse fenômeno ocorre motivado pelos fatores linguísticos favorecedores e pela influência dos processos fonológicos, como harmonia vocálica e redução vocálica, que atuam decisivamente para a realização das vogais mais específicas nessa posição, que são a vogal média baixa e a vogal alta.

Assim, pode-se afirmar que, de acordo com o inventário vocálico do português brasileiro e suas especificidades, o falante possui a vogal média alta como *input*. Entretanto, quando produz a vogal média em posição pretônica, o falante também está atento aos contextos linguísticos que são favoráveis a uma produção particular da vogal média baixa e da vogal alta. A realização da vogal média baixa está relacionada ao processo de harmonia vocálica, em que a vogal na posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte exerce um papel maior para a realização da vogal pretônica.

Sobre a formalidade no ato da gravação dos dados, verifica-se que esse fato apenas reforça os ambientes linguísticos que são mais propícios à variação. Assim, ocorre mais variação em uma situação formal de fala porque os contextos linguísticos da realização da vogal média baixa e da vogal alta estão em maior evidência para o falante.

Teoria da otimalidade e análise dos resultados

A Teoria da otimalidade, segundo Archangeli (1997), oferece uma visão específica da natureza da relação entre as formas de *input* e de *output*, pois lida com tendências gerais, não com leis absolutas. Além disso, os padrões específicos linguísticos e a variação que ocorre entre as línguas são admitidos dentro do modelo teórico através das violações. E a marcação é admitida no modelo porque cada violação de restrição indica uma marcação.

Os componentes da Gramática otimalista são o léxico, o gerador e o avaliador. Segundo a autora, a relação entre o *input* e o *output* é mediada por dois mecanismos formais, o gerador (generator – GEN) e o avaliador (evaluator – EVAL). O primeiro cria estruturas linguísticas e verifica suas relações de fidelidade com a estrutura subjacente. O segundo usa a hierarquia de restrições da língua para selecionar o melhor candidato entre todos criados. Além desses dois mecanismos, é necessário considerar também o conjunto

universal de restrições (CON) no qual o avaliador usa o ranqueamento específico de restrições desse conjunto.

A alternativa de análise da variação linguística, conforme a teoria da otimalidade, a ser investigada é a apresentada por Anttila e Cho (1998), que trata dos casos relacionados à co-fonologia, isto é, cada co-fonologia corresponde a uma hierarquia de restrições que seleciona seu próprio candidato ótimo pelo seu próprio ranqueamento estipulado. É possível também afirmar que há variação porque há várias gramáticas que competem na comunidade ou no indivíduo. Os autores também afirmam que essa alternativa de análise combina as regularidades invariantes, as regularidades variáveis e as preferências estatísticas por meio de grupos de restrições ordenados parcialmente.

No caso específico do dialeto de Belo Horizonte, será considerado como uma única gramática com vários ordenamentos parciais. Esses ordenamentos correspondem a cada processo fonológico envolvido na realização da vogal média em posição pretônica.

A possibilidade de representar a gramática da língua com vários ranqueamentos parciais distancia-se um pouco do que é postulado pela Teoria da Otimalidade padrão quanto à noção de dominação estrita. No caso específico do dialeto estudado, cada ranqueamento apresenta uma dominância conforme cada candidato ótimo. Esse fato é considerado um problema para essa alternativa de análise porque enfraquece a noção de gramática da língua. Entretanto, como a variação nesse dialeto se configura como interindividual, é possível afirmar que cada falante ativa um ordenamento para cada caso específico de realização da vogal média em posição pretônica, relacionado não somente aos processos fonológicos, mas também aos fatores favorecedores da elevação e do abaixamento da vogal média. Além disso, pode-se afirmar que a variação ocorre porque há várias gramáticas que competem no indivíduo, ou seja, a representação subjacente é a mesma para todos os indivíduos, mas a escolha em realizar a vogal alta e a vogal média baixa é específica para cada falante.

O ranqueamento proposto para o mapeamento fiel da vogal média em posição pretônica toma o formato $F \gg M$, ou seja, as restrições de fidelidade dominam as restrições de marcação, para estabelecer a relação de identidade entre as formas de *output* e de *input*.

Os ranqueamentos correspondentes aos mapeamentos infiéis assumem o formato $M \gg F$, ou seja, a restrição específica de marcação para a realização da vogal em posição pretônica está ranqueada acima da restrição de fidelidade, para estabelecer que uma forma marcada prevaleça sobre a forma fiel. Tomando como referência os processos fonológicos envolvidos com relação às ocorrências das vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte, pode-se, então, estabelecer um ranqueamento específico para cada processo fonológico, como harmonia vocálica e redução vocálica.

Para a análise do ranqueamento parcial, as seguintes restrições foram consideradas: a) IDENT[alto, ATR]: os traços [alto] e [ATR] do *output* devem ser idênticos aos do *input*; b) AGREE[ATR]: o traço [ATR] da vogal pretônica é idêntico ao da vogal em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte; c) AGREE[alto]: o traço [alto] da vogal pretônica é idêntico ao da vogal em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte; e d) *MID: as vogais médias devem ser evitadas.

Sobre os ranqueamentos parciais a serem formados conforme a gramática específica do dialeto de Belo Horizonte, é necessário observar que, conforme a disposição das restrições

estabelecidas para a análise da variação das vogais médias pretônicas, há quatro restrições ativas para a construção desses ranqueamentos parciais: IDENT[alto, ATR], AGREE[alto] e AGREE[ATR], *MID. A primeira restrição está ativa para os casos relacionados ao mapeamento fiel, em que a vogal média alta é a vogal escolhida como ótima para a produção da vogal média em posição pretônica. As restrições de marcação AGREE agem em favor do processo de harmonia vocálica, que mostra um contexto bem específico da realização da vogal média pretônica, uma vez que essa vogal pode ser condicionada pela realização da vogal em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte. Já a restrição *MID favorece os casos relacionados ao processo variável de redução vocálica. Essa restrição proíbe a ocorrência da vogal média em posição pretônica.

Segundo Anttila e Cho (1998), quanto menos ranqueamentos, ou seja, menos relações de dominância entre as restrições, mais *tableaux* são necessários. Cada *tableau* corresponde a um ordenamento parcial assumido conforme a variação estudada.

O *Tableau 1* mostra um caso de mapeamento fiel, em que a vogal média alta é selecionada como candidato ótimo.

Tableau 1. Mapeamento fiel: vogal média alta, ‘pr[o]jeto’

pr/o/jeto	IDENT[alto, ATR]	AGREE[ATR]	AGREE[alto]	*MID
☞ a. pr[o]jeto		*		*
b. pr[ɔ]jeto	*!			*
c. pr[u]jeto	*!	*	*	

O *tableau* acima mostra que o candidato selecionado como ótimo é o candidato **a**, ‘pr[o]jeto’. O símbolo ☞ indica, no *tableau*, o candidato ótimo de acordo com a hierarquia de restrições apresentada. Esse candidato é o único a não violar a restrição de fidelidade IDENT[alto, ATR].

Tableau 2. Mapeamento infiel: harmonia vocálica – vogal média baixa, ‘pr[ɔ]jeto’

pr/o/jeto	AGREE[ATR]	AGREE[alto]	IDENT[alto, ATR]	*MID
a. pr[o]jeto	*!			*
☞ b. pr[ɔ]jeto			*	*
c. pr[u]jeto	*!	*	*	

Já no *Tableau 2*, o candidato selecionado como ótimo é o candidato **b**, ‘pr[ɔ]jeto’, que não viola a restrição de marcação AGREE[ATR], posicionada acima da restrição de fidelidade.

Nesse formato específico de variação, observa-se que apenas o posicionamento das restrições de marcação AGREE acima da restrição de fidelidade IDENT[alto, ATR] é que vai estabelecer o ranqueamento parcial próprio para a produção da vogal média baixa.

É importante ressaltar que entre as restrições de marcação AGREE não há relação de dominância, o que pode ser observado mediante a linha pontilhada que as separa. Outro aspecto a ser relatado é que cada restrição de marcação AGREE atua de modo específico para a realização da vogal média baixa e da vogal alta nos casos relacionados ao processo

de harmonia vocálica. Nesse caso específico, é a restrição AGREE[ATR] posicionada em uma posição superior na hierarquia que vai determinar a ocorrência da vogal média baixa. Com relação à produção da vogal alta, é a restrição AGREE[alto] que terá uma função maior, como pode ser visto no *Tableau 3*, abaixo.

Tableau 3. Mapeamento infiel: harmonia vocálica – vogal alta, ‘m[u]tivo’

m/u/tivo	AGREE[ATR]	AGREE[alto]	IDENT[alto, ATR]	*MID
a. m[o]tivo		*!		*
b. m[ɔ]tivo	*!	*	*	*
☞ c. m[u]tivo			*	

Com relação à variação entre a vogal média alta e a vogal alta condicionada pelo processo de redução vocálica variável, verifica-se que outro ranqueamento parcial é atestado no dialeto de Belo Horizonte, como pode ser visto no *Tableau 4*, abaixo.

Tableau 4. Mapeamento infiel: redução vocálica, ‘c[u]meço’

c/o/meço	*MID	IDENT[alto, ATR]	AGREE[ATR]	AGREE[alto]
a. c[o]meço	*!			
b. c[ɔ]meço	*!	*	*	
☞ c. c[u]meço		*		*

O *Tableau 4* apresenta o candidato **c**, ‘c[u]meço’, como o candidato ótimo porque é o único candidato do *tableau* a não violar a restrição de marcação *MID. Essa restrição ranqueada acima da restrição de fidelidade IDENT[alto, ATR] permite que apenas o candidato que possui a vogal alta seja escolhido como ótimo.

Além disso, observou-se com relação aos resultados obtidos por meio dos *corpora* POBH, Alves (1999) e fala espontânea que não são todos os falantes que ativam todos os ranqueamentos parciais estabelecidos quanto à variação das vogais médias pretônicas. De fato, há falantes que variam apenas a vogal média alta e a vogal média baixa, enquanto outros falantes adotam os dois formatos de variação. Isso quer dizer que os falantes ativam ranqueamentos parciais distintos para a produção da vogal média em posição pretônica.

Então, a principal vantagem em considerar o ranqueamento parcial de restrições é a possibilidade de se estabelecer uma co-fonologia para cada caso variável encontrado na língua específica, podendo, assim, mostrar a opção do falante pela vogal média alta ou pela vogal média baixa.

Mesmo que seja o mesmo falante a apresentar a variação entre a vogal média alta e a vogal média baixa, como foi verificado nos dados relativos aos *corpora* POBH e Alves (1999), o que se observa é que o ranqueamento parcial de restrições também pode ser utilizado para explicar essas realizações distintas da vogal média. Também é necessário considerar que, nesse caso, o mesmo falante varia a pronúncia da vogal média em posição pretônica por causa, principalmente, do fator externo da formalidade no ato da gravação dos dados, que se mostra decisivo para que a variação aconteça.

Portanto, a principal vantagem do ranqueamento parcial de restrições consiste no fato de a gramática da língua ser representada por meio de ordenamentos parciais distintos conforme cada mapeamento identificado.

Considerações finais

As vogais médias pretônicas têm um comportamento bastante complexo no dialeto de Belo Horizonte porque podem ser realizadas com o timbre fechado, ou com o timbre aberto, ou ainda como vogal alta. Também, constataram-se dois tipos de variação: a) entre a vogal média alta e a vogal média baixa e b) entre a vogal média alta e a vogal alta.

Essa variação se mostra intraindividual conforme a formalidade no ato da gravação dos dados. Entretanto mostra-se interindividual quando o falante não sabe que está sendo gravado. Assim, é possível afirmar que, quanto maior a formalidade na gravação dos dados, maior será a variação entre as vogais médias em posição pretônica. Também é possível relacionar a variação mais diretamente aos casos de harmonia vocálica do que aos casos de redução vocálica.

O ordenamento parcial de restrições, alternativa de análise da variação segundo a Teoria da Otimalidade, associado aos traços [alto] e [ATR], fornece uma explicação adequada da variação das vogais médias pretônicas no dialeto de Belo Horizonte, levando-se em conta os processos fonológicos e os contextos favorecedores à elevação e ao abaixamento dessas vogais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marlúcia Maria. *As vogais médias em posição tônica nos nomes do português brasileiro*. 1999. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Área de concentração: Fonologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ANTTILA, Arto; CHO, Young-mee Yu. Variation and change in Optimality Theory. *Lingua*, n. 104, p. 31-56, 1998.

ARCHANGELI, Diana. Optimality Theory: an introductory to linguistics in the 1990s. In: ARCHANGELLI, Diana; LANGENDOEN, D. Terence. (Eds.) *Optimality Theory: an overview*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997. cap. 1, p. 1-32.

MAGALHÃES, José Olímpio de. *Corpus do POBH (Projeto Português de Belo Horizonte/norma culta)*. Belo Horizonte: LABFON/FALE/UFMG, 2000.

MCCARTHY, John; PRINCE, Alan. Generalized alignment. In: BOOIJ, Geert. E.; MARLE, Jaap van. (Eds.). *Yearbook of morphology*. Dordrecht: Kluwer, 1993. p. 79-153.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. Boulder: Ms., Rutgers University, New Brunswick and University of Colorado, 1993.